# Cadernos Espinosanos

**ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII**

n. 35 jul-dez 2016 ISSN 1413-6651

IMAGEM O MONUMENTO A ESPINOSA está situado em Zwanenburgwal, o local de nascimento do filósofo, na cidade de Amsterdã. O monumento inclui a estátua do próprio autor, um icosaedro (um sólido geométrico de vinte faces) e, grafados na base do conjunto, a frase "O objetivo do estado é a liberdade" e o nome do filósofo. Ele foi inaugurado em 2008 e sua autoria é do artista Nicolas Dings.

TRADUÇÃO

# EPÍSTOLAS: ESPINOSA E BOXEL

*Spinoza Opera* (Gebhardt), vol. IV, pp. 241-242. *Opera Posthuma*, p. 564 ("*Epistola LV*").

*Apresentação, preparação do texto latino,*

*tradução e notas de Samuel Thimounier*

Mestrando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

thimounier@gmail.com

Revisão técnica de Homero Santiago

Professor, Universidade de São Paulo, São Paulo – Brasil

A troca epistolar de Espinosa com Hugo Boxel ocorreu de setembro de 1674 a meados de outubro ou novembro do mesmo ano. Foram escritas, até onde se sabe, seis cartas, três de cada um, todas elas em holandês. Há disponível, todavia, apenas a cópia do original de uma única delas[1], a *epístola LIII*, restando como fontes únicas as *versiones* latinas apresentadas nas *Opera Posthuma*, feitas, segundo Gebhardt, pelo próprio Espinosa com o objetivo de publicação (ESPINOSA, 1925, pp. 417-418).

Evidentemente, Espinosa e Boxel não eram dois missivistas se comunicando pela primeira vez. Segundo Meinsma (1983, p. 425), a relação entre eles pode ter se iniciado no ano anterior ao da correspondência, 1673, durante uma visita de Espinosa a Utrecht para encontrar o Príncipe de Condé; mas sobre esse evento muito pouco se sabe. De qualquer maneira, diante do próprio teor das palavras trocadas, são inquestionáveis o prévio conhecimento mútuo e o relativo apreço que possuíam, pelo menos a princípio. Boxel, por exemplo, já no início de sua segunda carta (*epístola LIII*), invoca a qualidade de amigo de Espinosa: "Não esperava outra resposta senão a que me deste, a saber, a de um amigo, e a qual sustenta outra opinião".

Sobre a vida de Boxel não se revelam muitos dados. Os primeiros biógrafos de Espinosa, Colerus e Lucas, não o mencionam, e nas *Opera Posthuma* seu nome nem sequer aparece. Sabe-se, contudo, de acordo com

1 Na segunda metade do século XIX, o orfanato menonita *De Oranjeappel* emprestou aos arquivos municipais de Amsterdã uma coleção composta de treze cartas (autógrafas e cópias) da correspondência espinosana. Todavia, após o empréstimo, a transcrição de uma décima quarta carta, a *epístola LIII*, restou acidentalmente esquecida no orfanato, tendo sido perdida em 29 de dezembro de 1944, quando seu prédio foi atingido por uma bomba (STEENBAKKERS, 1994, pp. 39-40).

o *Nieuw Nederlandsch biografisch woordenboek* (NNBW), que Hugo Boxel (ou "van Boxel") nasceu em Heusden, estudou primeiro em Leiden, onde se tornou Mestre em Artes e Filosofia em 1626; em seguida foi para Paris, onde obteve o título de Doutor em Direito. Também se dedicou à atividade política, tendo ocupado o cargo de secretário de Gorinchem/Gorcum, de 1634 a 1645 (MOLHUYSEN *et al.*, 1927, pp. 193-194), e de pensionário da mesma cidade, de 1655 a 1672 (KLEVER, 2010, p. 64). Nos estudos, dedicou-se ao latim, ao grego e ao hebraico, assim como à poesia, à filosofia, à teologia e ao direito. De fato, era um homem erudito, como bem se pode notar pela fortuna bibliográfica citada por ele ao longo das cartas.[2] Do que se tem notícia, Boxel também chegou a compor duas obras: uma edição anotada e comentada de um livro de Hector Felicius, *De communione et societate deque lucro et quaestu* (GORCUM, 1666), e uma edição escrita com Cornelius Neostadius, intitulada *De Foedi Juris Scripti, et Hollandici, West Frisicique successione. etc.* (GORCUM, 1670), na qual revela-se favorável ao grande pensionário da Holanda Jan de Witt.[3]

Daí que se infere o provável motivo da *libertas philosophandi* manifestada ao longo das cartas: Espinosa também era defensor de De Witt, ou seja, dos ideais republicanos. Mas a proximidade de reflexões políticas seja talvez a única existente. No campo da fé e da filosofia, os dois disputantes divergem bastante. Boxel mostra-se um homem crente e preocupado com ortodoxia religiosa, e transparece em suas respostas uma formação filosófica escolástica (ESPINOSA, 1988, p. 324). Espinosa, ao contrário, inimigo

2 O inventário da biblioteca de Boxel encontra-se na Biblioteca Nacional da França. O documento é de 1680 e possui 48 páginas.

3 Segundo KLEVER (2010, p. 64), foi por causa dessa simpatia que Boxel perdeu o cargo de pensionário.

da superstição e fautor da razão, segue princípios muito diversos dos de Boxel, como o próprio filósofo aponta, com assomo de irritação, no final de sua última carta (*epístola LVI*).

É, pois, a partir deste comércio literário, que Espinosa – cujo bom grado inicial pouco demora a resvalar em mordazes respostas – nos oferece, sobretudo, uma fecunda crítica à ordem supersticiosa, ali versada na crença em espectros, espíritos, lêmures e outras imaginações do tipo. Sem muitos rodeios, já no início de sua primeira carta, Boxel mostra seu interesse: "desejo saber tua opinião sobre aparições e espectros ou lêmures". Toda a sequência argumentativa rende um interessantíssimo documento, frutífero no que atina a questões como fé e superstição.

Aqui, todavia, não temos a pretensão de entrar no debate teórico. O que ora propomos é tão somente uma tradução integral da correspondência entre Espinosa e Boxel, entregando ao leitor uma versão em língua portuguesa, ainda que já haja uma primeira publicada[4], que seja a mais justa e acurada possível, e que reproduza fielmente a terminologia técnica usada. Destarte, buscamos empregar, sempre que possível, para cada vocábulo latino, seu similar ou equivalente mais imediato no português; esforçamo-nos, também, por seguir no encalço das mesmas construções frasais do texto primitivo, desde que o resultado não trouxesse prejuízo ao sentido. Para os nomes de autores e personalidades que aparecem e dos títulos das obras citadas, optamos pela grafia em seu respectivo idioma original, exceto quando há no português do Brasil uma tradução consagrada, caso

4 Recentemente, Jacó Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano, apresentaram todas as oitenta e oito cartas de que se tem notícia, parte do projeto de publicação em português da *Obra Completa* do filósofo; ver Spinoza, B. *Obra completa II*. Org. de J. Guinsburg, R. Romano e N. Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

em que esta prevaleceu. Ademais, alimentamos o texto traduzido com informações complementares, restritas a soluções do tradutor e a indicações de caráter histórico, biográfico e referências a outros textos.

Na esteira de Domínguez, adotamos a posição de traduzir todas as epístolas do latim, até mesmo a *LIII*[5], a fim de que um mesmo critério se mantivesse. Para tanto, o texto latino sobre o qual nos valemos, e que também oferecemos, é o da grande edição crítica de Carl Gebhardt (*Spinoza Opera*, 1925), que, na verdade, pouco difere daquele apresentado nas *Opera Posthuma*, corrigindo, na maior parte, pequenas gralhas. Dentre os trabalhos usados como instrumentos secundários para cotejo, destacaram-se a própria edição holandesa, os *Nagelate Schriften* (1677), a tradução alemã de Gebhardt (*Briefwechsel*, 1986), a espanhola de Atilano Domínguez (*Spinoza: Correspondencia*, 1988), a inglesa de Samuel Shirley (*Spinoza Complete Works*, 2002), e a, já referida, recente tradução portuguesa de Jacó Guinsburg *et al.* (2014).

5 Não deixamos, contudo, de cotejar instantemente a única cópia original disponível, também apresentada por Gebhardt (Espinosa, 1925, pp. 245-250).

## Epistola LI.[1]

*Acutissimo Philosopho*

B. d. S.

HUGO BOXEL.

Versio.

*Clarissime Vir*,

Causa, cur hanc tibi scribam, est, quod tuam de apparitionibus, et Spectris, vel Lemuribus sententiam scire desiderem, et si dentur, quid de illis tibi videatur, et quamdiu illorum duret vita; eò quòd alii ea immortalia, alii verò mortalia esse opinantur. In hâc mêa dubitatione, an nimirùm ea dari concedas, ulteriùs non pergam. Certum interim est Veteres eorum existentiam credidisse. Theologi, ac Philosophi hodierni ejusmodi creaturas existere hactenus credunt, licet in eo, quaenam illorum sit essentia, non concordent. Quidam ex tenuissimâ, et subtilissimâ constare materiâ, alii ea spiritualia affirmant. Verùm (ut jam dicere coepi) multùm ab invicem dissentimus, quia, an largiaris ea existere, dubius sum; quamvis, uti nec te fugit, tot exempla, et historiae in omni Antiquitate inveniantur, ut reverâ ea vel negare, vel in dubium vocare, difficile foret. Certum est, nempe quòd, si fatearis ea existere, non tamen credas, quaenam eorum esse animas demortuorum, ut Romanae fidei defensores volunt. Hîc finiam, tuumque exspectabo responsum. Nihil de bello, nihil de rumoribus dicam, eò quòd in ea nostra aetas incidit tempora, etc. Vale.

14 Septemb. 1674.

1 *Spinoza Opera* (Gebhardt), vol. IV, pp. 241-242. *Opera Posthuma*, p. 564 ("*Epistola LV*").

## Epístola LI

*Ao agudíssimo filósofo*

B. d. S.

HUGO BOXEL

Versão

*Claríssimo*[1] *homem*,

O motivo por que te escrevo esta é que desejo saber tua opinião sobre aparições e espectros ou lêmures; e, caso se deem, o que sobre eles te parece, e quanto tempo dura a vida deles; pois uns opinam que eles são imortais, e outros, que são mortais. Não irei mais adiante nesta minha dúvida, a saber, se concedes que eles se dão[2]. É certo, contudo, que os antigos creram na existência deles. Teólogos e filósofos hodiernos ainda creem que criaturas desse tipo existam, embora não concordem sobre o que seja sua essência. Alguns afirmam que eles constam de uma matéria tenuíssima e sutilíssima, outros, que são espirituais. Mas (como já comecei a dizer) dissentimos muito um do outro, pois duvido que concedas que eles existem, ainda que, como não te foge, sejam encontrados tantos exemplos e histórias em toda a antiguidade, que seria realmente difícil negá-los ou chamá-los à dúvida. É certo que, se confessas que eles existem, não crês, todavia, que alguns deles sejam almas de mortos, como querem os defensores da fé romana. Terminarei aqui e aguardarei tua resposta. Nada direi da guerra[3] nem dos rumores, pois vivemos num tempo, etc. Passa bem.

14 de setembro de 1674.

1 Embora pouco usual, o adjetivo "claríssimo", tradução de *clarissimus* (também "nobilíssimo" ou "ilustríssimo"), encontra ocorrência em textos portugueses do passado.
2 Assim como nas últimas traduções das obras espinosanas para o português, evitou-se a tradução de *dari* por "existir", preferindo "dar-se", em benefício da fidelidade.
3 Trata-se da Guerra Franco-Holandesa, também conhecida como "Guerra da Holanda", que durou de 1672 a 1678.

## Epistola LII.[2]

*Amplissimo, Prudentissimo Viro,*

HUGONI BOXEL

B. D. S.

*Responsio ad Praecedentem.*

Versio.

*Amplissime Vir,*

Tua, quam heri accepi, mihi fuit acceptissima, tam quòd aliquod de te nuncium audire, desiderabam, quàm quòd te mei penitùs non oblitum esse video. Quamvis fortè alii malum esse omen putarent <nachtspoken>[3], vel Lemures causam ad me scribendi fuisse; ego tamen econtra majus quid in eo noto, res non tantùm veras; sed et nugas, atque imaginationes mihi usui esse posse perpendo.

Verùm hoc, an nimirùm Spectra, phantasmata, ac imaginationes sint, seponamus; quia nempe non tantùm ea negare, verùm etiam de iis dubitare, adeò rarum tibi videtur, quàm ei, qui tot historiis, quas Hodierni, et Antiqui narrant, convictus est. Magna aestimatio, ac honor, in quo te habui semper, et adhuc habeo, ut contradicam, multò minùs ut tibi blandiar, non patitur. Medium, quod servabo, est, ut ex tot, quas de Spectris legisti historias, unam vel alteram eligere placeat; de quâ minimùm dubitare licet, quaeque clarissimè Spectra existere demonstrat.

2 *Spinoza Opera*, vol. IV, pp. 242-245. *Opera Posthuma*, pp. 565-566 ("*Epistola LVI*").

3 Acreditamos que falte a primeira palavra: "[?]*, vel lemures*"; alguns motivos corroboram a decisão: i) nos *Nagelate Schriften*, aparece: *nachtspoken, of geesten* ("espectros ou espíritos"); ii) sem a primeira palavra, anterior à conjunção *vel*, o sentido da frase resta truncado; e iii) das três traduções cotejadas, somente a de Gebhardt não adota o complemento, pelo que se paga ignorando o *vel*.

## Epístola LII

*Ao amplíssimo*[4] *e prudentíssimo homem*

HUGO BOXEL

B. D. S.

*Resposta à precedente*

Versão

*Amplíssimo homem*,

A tua, que ontem recebi, foi-me aceitíssima, tanto porque desejava ouvir alguma notícia de ti, quanto porque vejo que não te esqueceste profundamente de mim. Ainda que outros talvez pensassem ser um mau augúrio que o motivo de me escreveres terem sido <espíritos> ou lêmures, eu, ao contrário, noto nisso o que é maior, pondero não só as coisas verdadeiras, mas também as nugas e imaginações que me possam ser de utilidade.

Mas ponhamos isto de lado, a saber, se há espectros, fantasmas e imaginações; pois não só negá-los, mas também duvidar deles, parece ser tão raro para ti quanto para aquele que está convicto das tantas histórias que narram os hodiernos e os antigos. A grande estima e honra em que sempre te tive, e ainda tenho, não permitem que eu te contradiga, e muito menos que eu te bajule. O meio termo que conservarei é que te apraza escolher, dentre tantas histórias de espectros que leste, uma ou duas das quais não se permita de maneira alguma duvidar e que demonstrem clarissimamente que espectros existem.

4 O mesmo esclarecimento na nota iv vale para "amplíssimo", tradução de *amplissimus*; como exemplo, note-se título da obra de António Carvalho da Costa (Lisboa, 1683): *Astronomia methodica: distribuida em tres Tratados.* (...) *Offerecida ao serenissimo Senhor e Amplissimo Monarcha D. Pedro II, Rey de Portugal, etc.*

Nam, ut verum fatear, nunquam fide dignum legi Auctorem, qui ea dari clarè ostenderet. Et hactenus quid sint ignoro, nemoque mihi unquam id potuit indicare. Certum tamen est, quòd de re, quam tam clarè monstrat experientia, debemus scire quid sit; alioquin difficillimè ex aliquâ historiâ Spectra dari colligimus; colligitur quidem aliquid esse, quod tamen nemo scit, quid sit. Si Philosophi, quae ignoramus, Spectra nominare volunt, ea haud negabo, quia res infinitae sunt, quae me latent.

Denique, Vir Amplissime, antequam me hâc in materiâ ulterius explicem: Dic quaeso mihi, quaenam res haec Spectra, vel Spiritus sint. Suntne infantes, stulti, vel insani? Quia quae de iis auribus hausi, potiùs insipientibus, quàm sapientibus conveniunt, quaeque, ut ea in meliorem interpretemur partem, rebus puerilibus, vel stultorum delectamentis similiora sunt. Antequam finio, hoc unum tibi proponam, illud scilicet desiderium, quod plerumque homines habent, res, non ut reverâ sunt, sed ut eas desiderant, narrandi, faciliùs ex narrationibus de Lemuribus, Spectrisque, ac ex aliis cognosci. Hujus rei praecipua, ut credo, ratio est, quod, quia ejusmodi historiae non alios habent testes, nisi earum narratores, harum inventor pro lubitu, circumstantias, quae ei commodissimae videntur, vel addere, vel demere potest, nec timet, ut sibi quisquam contradicat; speciatim verò eas fingit, ut metum, quem de somniis, et phantasmatis concepit, justificet, vel etiam ut audaciam, fidem et opinionem suam stabiliat. Praeter has alias adinveni rationes, quae me ad dubitandum, si non de ipsis historiis, saltem de narratis circumstantiis, permovent, quaeque quàm maximè ad conclusionem, quam ex illis historiis deducere conamur, faciunt. Hîc desinam, usque dum intellexero, quaenam eae sint historiae, quibus ità convictus es, ut tibi de iis dubitare absurdum videatur, etc.

Pois, para confessar a verdade, nunca li autor fidedigno que mostrasse claramente que eles se dão. E, até o momento, ignoro o que sejam, e ninguém jamais pôde me indicar. Todavia, é certo que, sobre uma coisa que a experiência mostra tão claramente, devemos saber o que é; por outro lado, dificilimamente coligimos de alguma história que se dão espectros; colige-se sim que são algo que, contudo, ninguém sabe o que é. Se os filósofos querem chamar espectros coisas que ignoramos, não os negarei, pois infinitas são as que me escapam.

Por fim, amplíssimo homem, antes que eu explique mais além esse assunto, dize-me, por favor, o que são esses espectros ou espíritos. São crianças, estultos ou insanos? Pois as coisas que ouvi sobre eles convêm antes a insipientes que a sábios, e, para que as interpretemos à melhor parte, assemelham-se mais a coisas pueris ou deleitamentos de estultos. Antes que eu termine, proporei a ti unicamente isto, a saber, que aquele desejo que os homens comumente têm de narrar as coisas não como elas são realmente, mas como as desejam, conhece-se mais facilmente a partir de narrativas sobre lêmures e espectros que doutras. A razão principal disso, segundo creio, é que, porque histórias desse tipo não possuem outras testemunhas senão seus narradores, o inventor delas pode acrescentar ou retirar, à vontade, as circunstâncias que lhe parecem mais cômodas, sem temer que alguém o contradiga; finge-as, porém, especialmente para justificar o medo que concebeu de sonhos e fantasmas, ou ainda, para reforçar sua audácia, fé e opinião. Além dessas razões, encontrei outras que me movem a duvidar, se não das próprias histórias, ao menos das circunstâncias narradas, as quais servem, o máximo possível, à conclusão que nos esforçamos em deduzir daquelas histórias. Cessarei aqui até entender quais são essas histórias das quais és tão convicto que a ti parece absurdo delas duvidar, etc.

## Epistola LIII.[45]

*Acutissimo Philosopho*

B. d. S.

HUGO BOXEL.

*Responsio ad Praecedentem.*

Versio.

*Acutissime Vir*,

Non aliud, quàm ad me dedisti responsum, nimirùm ab amico, aliamque fovente sententiam exspectabam. Posterius non curo: nam amicos in rebus indifferentibus dissentire semper salvâ licitum fuit amicitia.

Exigis, ut tibi, antequam tuam promas sententiam, quaenam haec Spectra, Spiritusve sint, dicam, an sint infantes, stulti, vel insani, etc. et addis quicquid de iis audiveris, potiùs ab insanientibus, quàm sanis profectum fuisse. Verum est proverbium, quòd videlicet praeoccupata opinio veritatis indagationem impedit.

Credo igitur his de causis Spectra dari. Primò quia ad universi pulchritudinem, ac perfectionem, ut sint, pertinet. Secundò quia verisimile est creatorem ea creâsse, quia sibi, quàm corporeae creaturae, similiora sunt. Tertiò quia secuti corpus sive animâ, ita etiam anima sine corpore existit. Quartò denique quia in supremo aëre, loco, vel spatio nullum obscurum corpus esse, quin suos obtineat habitatores, existimo; et per consequens, immensurabile, quod inter nos, astraque est, spatium, non vacuum, sed Spiritibus habitatoribus repletum esse; fortè summi, et remotissimi

4

5 *Spinoza Opera*, vol. IV, pp. 245-250. *Opera Posthuma*, pp. 566-568 ("*Epistola LVII*"). Preserva-se uma cópia do original holandês desta epístola, publicada por Freudenthal (1899, pp. 196-198) e, posteriormente, por Gebhardt.

## Epístola LIII

*Ao agudíssimo filósofo*

B. D. S.

HUGO BOXEL

Resposta à precedente

Versão

*Agudíssimo homem*,

Não esperava outra resposta senão a que me deste, a saber, a de um amigo e a qual sustenta outra opinião. Com o segundo ponto não me preocupo, pois sempre foi lícito aos amigos dissentir em questões indiferentes, com a amizade a salvo.

Exiges, antes de forneceres tua opinião, que eu diga o que são esses espectros ou espíritos, se são crianças, estultos ou insanos, etc., e acrescentas que tudo o que ouviste sobre eles teria vindo antes de insanos que de sãos. É verdadeiro o provérbio, a saber, que uma opinião preconcebida impede a investigação da verdade.

Creio, pois, que espectros se dão por estas razões. Em primeiro lugar, porque pertence à beleza e à perfeição do universo que eles existam. Segundo, porque é verossímil que o criador os tenha criado, pois são mais semelhantes a ele que às criaturas corpóreas. Terceiro, porque assim como existe corpo sem alma, também existe alma sem corpo. Quarto, finalmente, porque estimo que no supremo ar, lugar ou espaço não há corpo obscuro algum que não tenha seus habitantes; e, por conseguinte, o espaço imensurável que há entre nós e os astros não é vazio, mas repleto de espíritos habitantes; talvez os sumos e remotíssimos sejam

veri Spiritus, infimi verò in infimo aere creaturae sunt substantiae subtilissimae, et tenuissimae, insuperque invisibilis. Opinor igitur omnis generis, sed fortassis nullos foeminini, dari Spiritûs.

Hoc ratiocinium eos, qui mundum fortuitò creatum esse temerè credunt, nullatenus convincet. Quotidiana insuper, his missis rationibus, Spectra dari, ostendit experientia, quorum multae, tam novae, quàm antiquae historiae, etiamnùm exstant. Videantur horum historiae apud Plutarchum in libro de Viris illustribus, aliisque ejus operibus; apud Suetonium in Vitis Caesarum, nec non apud Wierum et Lavaterum in libris de Spectris, quid de hâc materiâ prolixè egerunt, et ex omnis generis scriptoribus eas congesserunt. Cardanus, ob eruditionem suam celeberrimus, etiam de iis in libris de *Subtilitate, Varietate*, et de *vitâ suâ* loquitur,

espíritos verdadeiros, e os ínfimos, no ínfimo ar, sejam criaturas de uma substância sutilíssima e tenuíssima, além de invisível. Portanto, opino que se dão espíritos de todo gênero, mas, talvez, nenhum do feminino.

Esse raciocínio de maneira nenhuma convencerá os que creem temerariamente que o mundo foi criado fortuitamente. Além disso, deixadas essas razões, a experiência cotidiana mostra que se dão espectros, dos quais muitas histórias, tanto novas quanto antigas, ainda agora existem. Histórias dessas aparecem em Plutarco[5], no livro sobre homens ilustres[6] e noutras obras suas; em Suetônio[7], em *A vida dos césares*, e também em Weyer[8] e Lavater[9], nos livros sobre espectros, os quais trataram dessa matéria prolixamente e acumularam histórias a partir de escritores de todo gênero. Cardano[10], celebérrimo por sua erudição, também fala deles nos livros *Da sutileza*, *Da variedade* e *Da sua vida*, onde mostra pela

5 Plutarco (Queroneia, ca. 46-120 d.C.) ou Lucius Mestrius Plutarchus, nome que adotou ao se tornar cidadão romano, foi um historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo platônico grego. Considerado o primeiro biógrafo, escreveu *Vidas Paralelas* (Βίοι Παράλληλοι), obra que reúne biografias de vários homens ilustres da antiguidade.

6 Na tradução desta sentença, entendemos que Boxel, quando fala da obra sobre homens ilustres não se refere diretamente a seu título, já que *de viris illustribus* não corresponde ao nome de nenhuma obra de Plutarco. Decerto, refere-se sim àquilo de que trata o livro *Vidas Paralelas*, razão pela qual não demos nenhum destaque em itálico, como noutros vários casos seguintes.

7 Caio Suetônio Tranquilo (Roma, 69-ca. 141 d.C.) foi um escritor latino. Dentre suas obras está *De vitis Caesarum* (*Das vidas dos césares*, 121 d.C.), mais conhecido em português como *Vidas dos doze césares*, um conjunto de doze biografias que inclui a de Caio Júlio César (Roma, 100-44 a.C.) e dos outros onze primeiros imperadores romanos.

8 Johann Weyer, Weier, Wier, Wierus ou Piscinarius (Grave, 1515-1588). Foi um médico holandês, ocultista e demonologista. Sua obra mais influente é *De Praestigiis Daemonum et Incantationibus ac Venificiis* (1563).

9 Ludwig Lavater (Kyburg, 1527-1586), teólogo e reformador suíço, escreveu *De Spectris, lemuribus et magnis atque insolitis fragoribus, etc.* (1569).

10 Girolamo Cardano (Pavia, 1501-1576) foi um polímata italiano, considerado por muitos o grande matemático do renascimento. Sob influência da filosofia platônica, escreveu *De subtilitate rerum* (1550), *De varietate rerum* (1557) e *De vita sua / De vita propria* (1542).

ubi ea sibi, cognatis, amicisque apparuisse experientiâ ostendit. Melanthon Vir prudens, et veritatis amans, et alii non pauci de suis testantur experientiis. Consul quidam Vir Doctus, et Sapiens, quique adhuc in vivis est, aliquando mihi narravit, de nocte ità audiri opus in Matris suae officinâ cerevisiariâ perfici, quemadmodum illud de die, quando cerevisia coquebatur, absolvebatur; quin hoc saepius factum esse testabatur. Idem mihi saepiuscule contigit, quod nunquam memoriâ excidet; adeò ut his experimentis, dictisque rationibus Spectra dari victus sim.

Quantum ad Spiritus malos, qui miseros homines in hâc, et post hanc vitam torquent, nec non magiam attinet, ego harum rerum historias fabulas esse existimo. In Tractatibus, qui de Spiritibus agunt, circumstantiarum copiam invenies. Poteris, praeter[6] allegatos, si placet, Plinium secundum libro septimo in Epistolâ ad Suram, ut et Suetonium in vita Julii Caesaris capite trigesimo secundo, Valerium Maximum capite octavo libri primi sectione septimâ, et octavâ, et Alexandrum ab Alexandro in opere Dierum Genialium consulere: hos enim penes te esse libros mihi persuadeo. Non loquor de Monachis, et Clericis, qui tot animarum, ac malorum Spirituum apparitiones, et visiones, totque, ut sic loquar potiùs, Spectrorum fabulas referunt, ut, prae copiâ, taedio

6 Nas *Opera Posthuma*: *proeter*.

experiência que eles apareceram para si, parentes e amigos. Melanchthon[11], homem prudente e amante da verdade, e muitos outros são testemunhas de suas experiências. Certo cônsul, homem douto e sábio, e que ainda está vivo, me narrou uma vez que na cervejaria de sua mãe se ouvia realizar trabalho à noite tal como aquele de dia, quando a cerveja era cozida e decantada[12]; e atestava que isso se fez muitas vezes. O mesmo me aconteceu muitas vezes, o que nunca me sairá da memória; de tal maneira que, com essas experiências e razões ditas, estou convicto de que espectros se dão.

Quanto ao que atina aos espíritos maus, que atormentam os míseros homens nessa e após essa vida, e também à magia, estimo eu serem fábulas as histórias dessas coisas. Nos tratados que tratam de espíritos, encontrarás abundância de circunstâncias. Além dos já alegados, se te apraz, poderás consultar Plínio Segundo[13], livro sétimo, em *Epístola a Sura*; como também Suetônio, em *A vida de Júlio César*, parágrafo trigésimo segundo; Valério Máximo[14], capítulo oitavo do livro primeiro, seções sétima e oitava; e Alessandri de Alessandro[15], na obra *Dierum genialium*; com efeito, me persuado de que esses livros estão em tua posse. Não falo dos monges e clérigos que referem tantas aparições e visões de almas e maus espíritos, ou para falar melhor, fábulas de espectros que, pela copiosidade, entediam

11 Philipp Schwarzerdt ou Melanchthon (Bretten, 1497-1560) foi um teólogo e reformador alemão, aluno e colaborador de Lutero.

12 No texto latino: *quando cerevisia coquebatur, absolvebatur*; na cópia original holandesa, simplesmente: *als men browde* (quando se fazia cerveja).

13 Caio Plínio Cecílio Segundo (Como, 61/62-114 d.C.), também conhecido como Plínio, o Jovem, foi um insigne orador, jurista e político. Escreveu *Epístola a Sura*, relato sobre um espectro que se manifesta numa casa abandonada em Corinto.

14 Públio Valério Máximo, (Roma, ca. 20 a.C.-ca. 50 d.C.), autor de aproximadamente mil contos, que ilustram a vida dos romanos antigos, reunidos na obra intitulada *Nove livros de feitos e dizeres memoráveis* (em latim, *Factorum ac dictorum memorabilium libri IX* ou *De factis dictisque memorabilibus or Facta et dicta memorabilia*).

15 Ou Alexander ab Alexandro (Nápoles, 1461-1523). Foi um jurista e autor latino, tendo publicado, em 1522, a obra *Genialium Dierum Libri Sex* (também conhecida como *Dies Geniales*), constituída de uma miscelânea de assuntos heterogêneos, tais como filologia, antiguidades, direito, sonhos e espectros.

officiant lectorem. Thyraus Jesuita in libro de Spirituum apparitionibus talia quoque tractat. Illi autem lucri solummodò causâ, utque meliùs esse purgatorium probent, haec tractant, quae ipsis minera, unde tantam auri, ac argenti vim effodiunt, existit. Id verò in memoratis, aliisque modernis Scriptoribus nullum obtinet locum, qui sine partium studio majorem propterea merentur fidem.

<UE zegt in het einde van haar brief, dat mij Gode te beveelen, UE niet zonder lacchen doen kan. Maar zo UE noch indagtig is aan het gesprek, dat, wij voor deezen tusschen ons beiden hielden, zal UE zien dat men zich niet hoeft te verschrikken over het besluit dat ik toen ter tyd maakte in myn brief, etc.>[7]

Responsionis vice ad tuam epistolam, ubi de stultis, et amentibus vera facis, hîc conclusionem Eruditi Lavateri, quâ librum suum primum de Spectris, aut Lemuribus his verbis finit, pono. *Qui tot unanimes, tam hodiernos, quàm veteres negare audet testes, fide mihi indignus censetur <, als hy iets bevestigt>: quemadmodum enim levitatis signum est iis omnibus, qui se quaedam vidisse spectra affirmant, protinùs credere: ità è contrario tot fide dignis Historicis, Patribus, aliisque magnâ praeditis autoritate temerè, et impudenter contradicere insignis esset impudentia.*[8]

21 Septemb. 1674

7 Este excerto só consta na cópia do original holandês. Optamos por interpor tal trecho no texto latino que ora apresentamos, já que não trazemos simultaneamente o texto original holandês, como faz Gebhardt.

8 Embora não alterem o conteúdo, no excerto original há algumas diferenças: "*Qui multiplicia haec et consentientia testimonia veterum et recentiorum prorsus negare audet, indignus (meo quidem judicio) videtur, cui affirmanti aliquid credamus. Nam ut magnae levitatis est indicium, si quis promiscuè omnibus, qui affirmant se Spectra vidisse statim credat: ita ex opposito, maxima est impudentia, si quis omnia quae à tot, et fide dignis historicis, Patribus, et aliis magnae authoritatis et gravibus viris affirmantur, temerè et impudenter rejicit.*" (LAVATER, 1659, p. 106).

o leitor. O jesuíta Thyraeus[16] também trata de tais coisas no livro *De spirituum apparitionibus*. Eles, todavia, tratam delas somente por causa do lucro e para provarem melhor que há o purgatório, o qual é para eles mesmos a mina donde extraem tanta quantidade de ouro e prata. Mas isso nenhum lugar obtém nos escritores memorados e noutros modernos, os quais, sem parcialidade, merecem, por isso, maior fé.

<Dizes no fim de tua epístola que não podes me recomendar a Deus sem rir. Mas já que não te atentas à conversa que ambos tivemos antes, verás que não hás de te assustar com a conclusão que fiz, naquele momento, em minha epístola, etc.>[17]

Em resposta à tua epístola, quando falas de estultos e dementes, coloco aqui a conclusão do erudito Lavater, com que ele, nestas palavras, termina seu primeiro livro sobre espectros ou lêmures: *Quem ousa negar tantos testemunhos unânimes, tanto hodiernos quanto antigos, é tido por mim como indigno de fé <, se ele confirma algo>; com efeito, assim como é sinal de leviandade crer de imediato em todos aqueles que afirmam ter visto alguns espectros, seria, ao contrário, uma impudência insigne contradizer, temerária e impudentemente, tantos fidedignos historiadores, padres e outros dotados de grande autoridade.*[18]

21 de setembro de1674.

16 Peter ou Petrus Thyraeus (Neuss, 1546-1601) foi um teólogo jesuíta alemão. Em 1600, publicou o *De Apparitionibus Spirituum, etc.*, uma das obras demonológicas com maior número de edições do período moderno.

17 Este trecho, que só consta na cópia original holandesa, indica na carta precedente (*epístola LII*), por seu conteúdo, uma outra omissão. Na abordagem da correspondência, os editores das *Opera Posthuma* estavam claramente desinteressados na história pessoal de Espinosa ou nos detalhes biográficos dela; de tal maneira que excertos, ou mesmo cartas inteiras (não se sabe quantas), considerados de interesse somente pessoal foram excluídos (GEBHARDT, 1925, p. 372).

18 Trata-se do último parágrafo, cap. 19, primeira parte, da obra *De spectris, lemuribus et magnis atque insolitis fragoribus, etc. liber unus*. Ver nota 23.

## Epistola LIV.[9]

*Amplissimo, Prudentissimo Viro,*

HUGONI BOXEL

B. D. S.

*Responsio ad Praecedentem.*

Versio.

*Amplissime Vir,*

Ego eo, quod in epistolâ tuâ 21 praeteriti mensis dicis, nixus, scilicet amicos in re indifferenti, salvâ amicitiâ, dissentire posse, clarè dicam, quid de rationibus, et historiis sentiam, ex quibus *omnis generis, sed nullos fortè foeminini generis dari Lemures*[10] concludis. Causa, cur citiùs non responderim, est, quòd ii libri, quos citas, ad manum non sunt, nec praeter Plinium, et Suetonium ullos repperi. Sed hi duo labore alios inquirendi me sublevabunt, quia mihi persuadeo, eos omnes eodem modo delirare, et historias rerum non vulgarium, quae homines attonitos reddunt, ac in admirationem rapiunt, amare. Fateor me non parùm, non historias, quae narrantur; sed eos, qui eas scribunt, obstupuisse. Miror Viros, ingenio, et judicio praeditos, facundiam suam insumere, et eâ, ut nobis ejusmodi nugas persuadeant, abuti.

Authores verò missos faciamus, et rem ipsam aggrediamur: primò etenim ratiocinium meum circa conclusionem tuam paulisper versabitur. Videamus, an ego, qui nego, Spectra, aut Spiritus dari, eò minus istos Scriptores, qui de hoc negotio scripserunt, intelligam; an tu, qui ea existere statuis, hos scriptores non pluris, quàm merentur, facias. Quòd ab una parte Spiritus

9 *Spinoza Opera*, vol. IV, pp. 250-254. *Opera Posthuma*, pp. 569-573 ("*Epistola LVIII*").
10 A passagem da epístola precendente referida é, na verdade: *omnis generis, sed fortassis nullos foeminini, dari Spiritus*.

## Epístola LIV

*Ao amplíssimo e prudentíssimo homem*

## HUGO BOXEL

B. D. S.

*Resposta à precedente*

Versão

*Amplíssimo homem*,

Eu, apoiado no que dizes em tua epístola de 21 do mês pretérito, a saber, que os amigos, salva amizade, podem dissentir numa questão indiferente, direi claramente o que penso das razões e histórias a partir das quais concluis que *se dão lêmures de todo gênero, mas, talvez, nenhum do feminino*. A razão por que não respondi mais depressa é que não estão à mão os livros que citas, e eu não encontrava nenhum além de Plínio e Suetônio[19]. Mas esses dois me pouparam o trabalho de investigar os outros, pois me persuado de que todos eles deliram do mesmo modo e amam histórias de coisas incomuns, que deixam atônitos os homens e os arrebatam em admiração. Confesso ter me espantado muito, não com as histórias que são narradas, mas com aqueles que as escrevem. Admira-me que homens dotados de engenho e juízo empreguem sua facúndia e abusem dela para que nos persuadam de nugas desse tipo.

Mas deixemos os autores e abordemos o próprio assunto; com efeito, meu raciocínio versará, primeiro, durante pouco tempo, acerca de tua conclusão. Vejamos se sou eu, que nego que espectros ou espíritos se dão, que entendo menos esses escritores que escreveram sobre esse assunto, ou se és tu, que sustentas que eles existem, que não estimas esses escritores mais do que merecem. Que, de um lado, chames à dúvida que espíritos

19 No inventário da biblioteca de Espinosa consta a obra *Plini Secundi Epistolae cum Panegyricis*, de 1591. Nada há de Suetônio.

dari masculini generis in dubium non voces, ab alterâ verò parte, an ii foeminini generis sint dubites, phantasiae, quàm dubitationi similius videtur: nam si haec tua esset opinio, magis ea cum vulgi imaginatione, qui Deum masculini, non verò foeminini generis esse statuit, convenire videretur. Miror eos, qui Spectra nuda conspexere, oculos in genitalia non conjecisse, fortè prae timore, vel prae ignorantiâ hujus discriminis. Regeres, hoc est ridere; non autem ratiocinari; et hinc video, tuas rationes tam validas, tamque bene fundatas tibi videri, ut iis nemo (tuo saltem judicio) contradicere queat; nisi perversè aliquis, Mundum fortuitò factum esse, putaret. Hoc ipsum, antequam praecedentes tuas examino rationes, me urget, ut breviter meam de hâc positione opinionem, an mundus fortuitò sit creatus, proponam. Respondeo verò, quòd, sicuti certum est *Fortuitum* et *Necessarium* duo esse contraria, ità manifestum etiam est eum, qui mundum necessarium divinae Naturae effectum affirmat, omninò etiam mundum casu factum esse negare: illum autem, qui affirmat Deum potuisse creationem mundum omittere, confirmare, licet aliis verbis, eundem casu factum fuisse; quoniam à voluntate, quae nulla esse poterat, processit. Quia verò haec opinio, haecque sententia penitùs absurda est, vulgò unanimiter, Dei voluntatem aeternam, ac nunquam indifferentem fuisse, concedunt: et propterea necessariò quoque debent largiri, (Nota bene) mundum Naturae Divinae necessarium esse effectum. Vocent hoc voluntatem, intellectum, vel quocunque lubet nomine, eò tamen tandem devenient, quòd unam, eandemque rem diversis nominibus expriment. Si enim eos roges, an Divina voluntas ab humanâ non differat, respondent priorem non nisi nomen cum posteriore commune habere: praeterquam quod plerumque Dei Voluntatem, Intellectum, Essentiam, aut Naturam unam, eandemque rem esse, concedunt; sicuti et ego, ne Divinam Naturam cum humanâ confundam, Deo humana attributa, nempe Voluntatem, Intellectum, attentionem, auditum etc. non adsigno. Dico igitur, ut jam modò dixi, Mundum Divinae Naturae necessarium effectum eumque fortuito non esse factum.

do gênero masculino se dão, mas, doutro, duvides que existam aqueles do gênero feminino, parece mais semelhante a uma fantasia que a uma dúvida; pois, se essa fosse tua opinião, pareceria ela convir mais à imaginação do vulgo, que sustenta que Deus é do gênero masculino, e não do feminino. Admira-me que aqueles que avistaram espectros nus não tenham lançado os olhos às genitálias, talvez por temor ou ignorância dessa diferença. Replicarás que isso é ridicularizar, e não raciocinar; e daí vejo que tuas razões te parecem tão válidas e tão bem fundadas, que ninguém (pelo menos em teu juízo) pode contradizê-las, a não ser alguém que pense, pervertidamente, que o mundo tenha sido feito fortuitamente. Isso mesmo urge-me, antes de examinar tuas razões precedentes, para propor brevemente minha opinião sobre esta posição: se o mundo foi criado fortuitamente. Mas respondo que, assim como é certo que *fortuito* e *necessário* são dois contrários, também é manifesto que aquele que afirma que o mundo é efeito necessário da natureza divina também nega totalmente que o mundo tenha sido feito ao acaso; porém, aquele que afirma que Deus pôde omitir a criação do mundo confirma, embora com outras palavras, que o mundo foi feito ao acaso, porquanto procedeu de uma vontade que poderia ser nula. Mas porque essa opinião e essa sentença são profundamente absurdas, concedem, comumente, unanimemente, que a vontade de Deus foi eterna e jamais indiferente; e, por isso, devem necessariamente também conceder (nota bem) que o mundo é efeito necessário da natureza divina. Chamem isso vontade, intelecto ou por qualquer nome que agrade, no fim, contudo, chegarão a que exprimem com nomes diversos uma única e mesma coisa. Com efeito, se lhes perguntas se a vontade divina não difere da humana, respondem que a primeira não tem em comum com a última senão o nome; além de que, geralmente, concedem que a vontade, o intelecto e a essência ou natureza de Deus são uma única e mesma coisa; assim como eu, para não confundir a natureza divina com a humana, não assino a Deus atributos humanos, a saber, vontade, intelecto, atenção, audição etc. Digo, pois, como já disse há pouco, que o mundo é efeito necessário da natureza divina e que não foi feito fortuitamente.

Hoc sufficere arbitror, ut tibi persuadeam eorum opinionem, qui dicunt, (si quis tamen tales dantur) mundum fortuitò factum esse, meae omninò contrariari, et hac nixus hypothesi, ad earum rationum inquisitionem, ex quibus Spectra omnis generis existere concludis, pergo. Quod in genere de iis dicere valeo est, eas magis conjecturas, quam rationes videri, meque difficilimè credere, te eas pro rationibus demonstrativis habere. Verùm videamus, sive conjecturae, sive rationes sunt, an eas pro fundatis assumere liceat.

Prima tua ratio est, quòd ad pulchritudinem, ac universi perfectionem ea dari pertinet. Pulchritudo, Amplissime Vir, non tam objecti, quod conspicitur est qualitas, quàm in eo, qui conspicit, effectus. Si nostri oculi essent vel longiores, vel breviores, aut nostrum aliter se haberet temperamentum, ea, quae nunc pulchra, deformia; ea verò, quae nunc deformia, pulchra nobis apparerent. Pulcherrima manus, per microscopium conspecta, terribilis apparebit. Quaedam procul visa pulchra, et è propinquo conspecta, deformia sunt: adeo ut res, in se spectatae, vel ad Deum relatae, nec pulchrae, nec deformes sint. Is ergo, qui ait, Deum mundum, ut pulcher esset, creasse, horum alterutrum necessariò[11] statuere debet; nempe vel Deum mundum ad appetitum, et hominum oculos, vel appetitum, et hominum oculos ad mundum condidisse. Jam verò sive prius, sive posterius statuamus, cur Deus Spectra, et Spiritus creare debuerit, ut alterutrum horum consequeretur, non video. Perfectio, atque Imperfectio sunt denominationes; quae non multum à denominationibus pulchritudinis et deformatitatis differunt. Ego igitur, ne nimis sim prolixus, solummodò interrogo, quid magis ad ornatum, et mundi perfectionem faciat, an quod Spectra, an quod multiplicia dentur monstra, ut Centauri, Hydrae, Harppyiae, Satyri, Gryphes, Argi, et plures hujusmodi nugae? Certè mundus bene exornatus fuisset, si Deus eum pro libitu nostrae Phantasiae, iisque rebus, quae facilè quivis sibi imaginatur, et somniat, nemo vero unquam intelligere potis est, ornâsset, et concinâsset!

11 Nas *Opera Posthuma*: *necessarrio*.

Julgo que isso seja suficiente para persuadir-te de que a opinião daqueles que dizem (se, todavia, tais se dão) que o mundo foi feito fortuitamente contraria totalmente a minha, e, apoiado nessa hipótese, prossigo a investigação daquelas razões a partir das quais concluis que existem espectros de todo gênero. O que, em geral, sou capaz de dizer sobre elas é que mais parecem conjecturas que razões, e que dificilimamente creio que as tenhas por razões demonstrativas. Mas, sejam conjecturas, sejam razões, vejamos se é lícito assumi-las como fundadas.

Tua primeira razão é que pertence à beleza e à perfeição do universo que eles se deem. A beleza, amplíssimo homem, não é tanto uma qualidade do objeto que se olha, quanto um efeito naquele que o olha. Se nossos olhos fossem mais longe ou mais perto, ou se nosso temperamento se houvesse doutro modo, as coisas que agora nos são belas nos apareceriam feias, e aquelas que agora nos são feias nos apareceriam belas. A mão mais bela, vista por um microscópio, aparecerá terrível. Algumas coisas são belas vistas de longe, e feias, de perto; de tal maneira que as coisas, vistas em si mesmas ou referidas a Deus, não são nem belas nem feias. Logo, aquele que afirma que Deus criou o mundo para que fosse belo deve, necessariamente, sustentar uma das duas coisas, a saber, que Deus construiu ou o mundo para o apetite e os olhos dos homens, ou o apetite e os olhos dos homens para o mundo. Pois bem, quer sustentemos a primeira, quer a segunda, não vejo por que Deus deveria criar espectros e espíritos para que se seguisse uma das duas coisas. Perfeição e imperfeição são denominações que não diferem muito das de beleza e feiura. Eu, portanto, para não ser demasiado prolixo, somente interrogo o que contribui mais ao ornato ou à perfeição do mundo: que se deem espectros ou que se deem múltiplos monstros, à guisa de centauros, hidras, harpias, sátiras, grifos, argos e muitas nugas desse tipo? Certamente, o mundo teria sido bem adornado se Deus o tivesse ornado e arranjado ao agrado de nossa fantasia, e com essas coisas que qualquer um facilmente imagina e sonha, mas que ninguém jamais é capaz de entender!

Secunda ratio est, quòd, quia Spiritûs magis, quàm aliae corporeae creaturae, Dei imaginem exprimunt, verosimile quoque sit, Deum eos creasse. Profectò me hactenus nescire, in quo Spiritûs magis, quàm aliae creaturae Deum exprimant, fateor. Hoc scio, inter finitum, et infinitum nullam esse proportionem: adeò ut discrimen inter maximam, et praestantissimam, creaturam, atque inter Deum non aliud sit discrimen, quàm quòd inter Deum, ac minimam creaturam est. Hoc ergo nihil ad rem facit. Si tam claram de Spectris, quàm de triangulo, vel circulo, haberem ideam, nullatenus dubitarem statuere, ea à Deo creata fuisse: verum enim verò, quandoquidem idea, quam de iis habeo, omninò cum ideis convenit, quas de Harpyis, Griphys, Hydris, etc. in meâ deprehendo imaginatione, ea non aliter, quàm somnia, considerare possum, quae à Deo tantopere, quam Ens, et non Ens discrepant.

Tertia ratio (quae est, quòd, quemadmodum corpus sine animâ, etiam anima sine corpore debeat esse) aequè mihi absurda videtur. Dic, quaeso, mihi, annon etiam sit verisimile, memoriam, auditum, visum, etc. sine corporibus dari, èo quod corpora sine memoriâ, auditu, visu, etc. inveniuntur? Vel globum sine circulo, quia circulus sine globo existit?

Quarta, et ultima ratio eadem est cum primâ, ad cujus responsionem me refero. Hîc loci tantùm notabo, me, quinam illi supremi, et infimi sint, quos in materiâ infinitâ concipis, nescire, nisi terram universi centrum esse sentias: Si enim Sol, vel Saturnus universi sit centrum, Sol, vel Saturnus, non autem terra infima erit. Hoc ergò, et quod restat praetermittens, concludo, quòd hae, hisque similes rationes neminem convincent, Spectra, vel Lemures omnis generis dari, quàm eos, qui aures intellectui occludentes, se à Superstitione seduci patiuntur; quae adeò rectae rationi infesta est, ut potiùs, quo Philosophorum aestimationem minuat, vetulis fidem habeat.

Quantum ad historias attinet, jam in primâ meâ epistolâ dixi, me eas non omninò; sed inde deductam conclusionem negare. Huic accedit, quòd eas non adeò fide dignas habeam, ut de multis circumstantiis non dubitem, quas saepius addunt,

A segunda razão é que, porque os espíritos exprimem a imagem de Deus mais que outras criaturas corpóreas, é verossímil que Deus também os tenha criado. De fato, confesso que até agora não sei em que os espíritos, mais do que outras criaturas, exprimem Deus. Isto sei, que entre o finito e o infinito não há proporção alguma; de tal maneira que a diferença entre a maior e mais prestante criatura e Deus não é outra que a diferença que há entre Deus e a menor criatura. Logo, isso em nada contribui à questão. Se eu tivesse uma ideia dos espectros tão clara quanto a de um triângulo ou círculo, de maneira nenhuma hesitaria em sustentar que foram criados por Deus; mas, na verdade, uma vez que a ideia que tenho deles convém totalmente com as ideias que, em minha imaginação, depreendo de harpias, grifos, hidras, etc., não posso considerá-las doutro modo senão como sonhos, que discrepam de Deus tanto quanto o ser do não-ser.

A terceira razão (que é porque, assim como há corpo sem alma, também deve haver alma sem corpo) parece-me igualmente absurda. Dize-me, por favor: acaso não é também verossímil que se deem memória, audição, visão, etc. sem corpos porque são encontrados corpos sem memória, audição, visão, etc.? Ou que exista esfera sem círculo porque existe círculo sem esfera?

A quarta e última razão é a mesma que a primeira, para cuja resposta refiro. Aqui, notarei apenas que não sei quais são aqueles supremos e ínfimos que concebes na matéria infinita, a menos que penses que a Terra seja o centro do universo. Com efeito, se o sol ou Saturno são o centro do universo, o ínfimo será o sol ou Saturno, e não a Terra. Logo, deixando de lado isso e o que resta, concluo que essas razões e aquelas semelhantes não convencerão ninguém de que se dão espectros ou lêmures de todo gênero, a não ser aqueles que, fechando os ouvidos ao intelecto, se deixam seduzir pela superstição, a qual é tão infesta à reta razão que, a fim de diminuir a estima dos filósofos, prefere dar fé a velhinhas.

Quanto ao que atina às histórias, já disse em minha primeira epístola que não as nego totalmente, mas a conclusão deduzida delas. A isso se acrescenta que não as tenho por tão fidedignas que eu não duvide de muitas circunstâncias que muitas vezes adicionam, mais para ornar que

magis ut ornent, quàm ut Historiae veritatem, vel id, quod inde volunt, concludere, aptius efficiant. Speraveram, ut ex tot Historiis, saltem unam, alteramve proferres, de qua minimè dubitare liceret, quaeque clarissimè Spectra, vel Lemures existere, ostenderet. Quòd memoratus Consul, inde, quòd in matris suae officinâ cerevisiariâ Spectra ità de nocte laborare audivit, quemadmodum de die audire assuetus erat, vult concludere, ea existere, risu dignum mihi videtur:[12] similiter etiam nimis longum videretur hîc loci omnes, quae de his ineptiis conscriptae sunt, historias examinare. Ut ergo brevis sim, me ad Julium Caesarem refero, qui, teste Suetonio, haec ridebat, et tamen felix erat, juxta id, quod Suetonius de hoc Principe in vitâ ejus capite 59 narrat: et ad eum modum omnes, qui mortalium imaginationum et pathematum effectus perpendunt, talia ridere debent; quicquid etiam Lavaterus, aliique, qui cum eo hoc in negotio somniârunt, in contrarium producant.

12 Nas *Opera Posthuma,* a ordem da frase é outra: *Quod memoratus Consul, inde, quod in matris suae officina cerevisiaria Spectra ita de nocte laborare audivit, vult concludere, ea existere, quemadmodum de die audire assuetus erat, risu dignum mihi videtur.*

para tornar mais apta a verdade da história ou aquilo que querem concluir dela. Eu esperara que, dentre tantas histórias, proferisses ao menos uma ou duas das quais de maneira nenhuma se permitisse duvidar, e que mostrassem clarissimamente que espectros ou lêmures existem. Parece-me digno de riso que o memorado cônsul, porque ouviu espectros trabalharem à noite na cervejaria de sua mãe, do mesmo modo como estava habituado a ouvir de dia, queira concluir que eles existem; similarmente, também me parecia demasiado longo examinar aqui todas as histórias que são escritas sobre essas inépcias. Portanto, para ser breve, me refiro a Júlio César, que, Suetônio é testemunha, ria dessas coisas, e, todavia, era feliz, conforme aquilo que narra Suetônio sobre esse príncipe, em sua *vida*, no parágrafo 59[20]; e, do mesmo modo, todos que ponderaram os efeitos das imaginações e das paixões dos mortais devem rir de tais coisas, e também do que quer que produzam ao contrário Lavater e outros que com ele sonharam sobre esse assunto.

20 "§59. Nenhum escrúpulo religioso jamais o fez abandonar ou atrasar qualquer um dos seus projetos. Certa vez, embora a vítima lhe escapasse no momento em que a imolava, não adiou sua marcha contra Cipião e Juba. Tendo levado um tombo ao sair do navio, reverteu o presságio em sentido favorável, dizendo: 'Eu te seguro, África'. Para escarnecer as predições segundo as quais, nessa província, o êxito e a vitória estavam, pelo destino, ligados ao nome dos Cipiões, manteve consigo no acampamento um membro totalmente desprezível da linhagem dos Cornélios, o qual, pelo desdouro em que vivia, tinha o apelido de Salvitão." (SUETÔNIO, 2007, p. 91).

## Epistola LV.[13]

*Acutissimo Philosopho*

B. d. S.

HUGO BOXEL.

*Responsio ad Praecedentem.*

Versio.

*Acutissime Vir*,

Ad tuas opiniones seriùs respondeo, eò quod exiguus morbus, me studiorum, et Meditationum oblectamento orbavit, et ad te scribere impedivit. Nunc, Deo gratiam habeo, in integrum restitutus sum. In respondendo tuae epistolae vestigia premam, atque tuas in eos, quid de Spectris scripserunt, exclamationes transiliam.

Dico igitur me existimare, nulla foeminini generis esse Spectra, quia eorum generationem inficior. Quòd talis sint figurae, et compositionis, quia id ad me non pertinet, omitto. Aliquid fortuitò factum dicitur, quando praeter authoris scopum producitur. Ubi terram ad vineam plantandum, vel ad puteum aut sepulchrum faciendum fodimus, et thesaurum invenimus, de quo nunquam cogitavimus, id casu fieri dicitur. Nunquam is, qui ex libero suo arbitrio ità operatur, ut possit operari, vel non, casu operari, siquidem operatur, dicitur. Hoc enim pacto omnes humanae operationes casu fierent, quod absurdum esset. Necessarium et Liberum; non verò Necessarium et fortuitum contraria sunt. Licet verò Dei voluntas sit aeterna, non tamen sequitur mundum esse aeternum, eò quòd Deus ab aeterno, ut mundum crearet statuto tempore, definire potuit.

13 *Spinoza Opera*, vol. IV, pp. 254-258. *Opera Posthuma*, pp. 573-577 ("*Epistola LVIX*").

## Epístola LV

*Ao agudíssimo filósofo*

B. d. S.

HUGO BOXEL

*Resposta à precedente*

Versão

*Agudíssimo homem*,

Respondo à tua mais tarde do que se espera porque uma exígua doença me privou do deleitamento dos estudos e das meditações e me impediu de escrever-te. Agora, dou graças a Deus, estou restituído por inteiro. No respondendo, irei no encalço de tua epístola e pularei tuas exclamações sobre aqueles que escreveram sobre espectros.

Digo, pois, que estimo não haver espectro algum do gênero feminino porque recuso a geração deles. Omito o que tais sejam de figura e composição, pois isso não me pertence. Diz-se que algo é feito fortuitamente quando é produzido além do escopo do autor. Quando cavamos a terra para plantar uma videira, ou para fazer um poço ou uma sepultura, e encontramos um tesouro sobre o qual nunca cogitamos, diz-se que isso se fez ao acaso.[21] Aquele que age segundo seu livre arbítrio, de modo que possa agir ou não, nunca se diz que age ao acaso, já que age. Pois, dessa maneira, todas as ações humanas se fariam ao acaso, o que seria absurdo. Necessário e livre, e não necessário e fortuito, são contrários. Mas ainda que a vontade de Deus seja eterna, não se segue, contudo, que o mundo é eterno, porque Deus pôde definir, desde a eternidade, que criaria o mundo num tempo estabelecido.

21 Claro assentimento e referência à explicação de Aristóteles sobre os significados de acidente. Ver *Metafísica*, Livro V, 30, 1025a 14-25.

Negas porrò Dei voluntatem unquam indifferentem fuisse, quod ego inficior; nec adeò accuratè ad hoc, ut tu putas, attendere est necesse. Neque omnes dicunt, Dei voluntatem necessariam esse: hoc enim necessitatem involvit; quia is, qui alicui tribuit voluntatem, per id intelligit, eum pro suâ voluntate posse operari; vel non. Si verò ei adscribimus necessitatem, necessariò debet operari.

Denique ais, te in Deo nulla humana concedere attributa, ne Divinam cum humanâ confunderes naturam; quod hactenus probo: neque enim, quâ ratione Deus operetur, nec, qua ratione velit, intelligat, perpendat, videat, audiat, etc., percipimus.

Verùm enim verò, si has operationes, summasque nostras de Deo contemplationes pernegas, affirmasque, eas non esse eminenter, et metaphysicè in Deo; tuum Deum, aut quid per hanc vocem Deus intelligas, ignoro. Quod non percipitur, haud negandum est. Mens, quae spiritus, et incorporea est, non nisi cum subtilissimis[14] corporibus, nempe humoribus operari potest. Et quaenam inter Corpus, Mentemque est proportio? Qua ratione Mens cum corporibus operatur? Sine his enim illa quiescit, et illis turbatis, Mens contrarium, quàm quod debebat, operatur. Mihi, quî hoc fiat, monstra. Non poteris, ut nec ego: videmus tamen, et sentimus, Mentem operari, quod verum manet, licet, quâ ratione haec fiat operatio, non percipiamus. Similiter licet, quomodò Deus operatur, non capiamus, eique humana nolimus adsignare opera; non tamen de ipso negandum, ea eminenter, et incomprehensibiliter cum nostris concordare, uti velle, intelligere, intellectu, non verò oculis, aut auribus videre, ac audire; ad eum modum quo ventus, atque aër regiones, montesque, sine manibus, allisve instrumentis destruere, nec non evertere potest; quod tamen hominibus absque manibus, machinisque est impossibile. Si necessitatem Deo tribuis, eumque voluntate, aut liberâ electione privas, dubitari posset, numne eum, qui Ens infinitè perfectum est, instar monstri depingas, et exhibeas.

14 Nas *Opera Posthuma*: *subtilismis*.

Negas, ademais, que a vontade de Deus tenha sido alguma vez indiferente, o que eu recuso; e não é necessário, como tu pensas, atentar a isso tão acuradamente. Nem todos dizem que a vontade de Deus é necessária, pois isso envolve necessidade; porque aquele que atribui vontade a alguém, entende por isso que ele pode agir ou não segundo sua própria vontade. Mas se lhe adscrevemos a necessidade, deve ele agir necessariamente.

Por fim, afirmas não conceder em Deus nenhum atributo humano para não confundires a natureza divina com a humana, o que até aí aprovo; com efeito, não percebemos como Deus age, nem como ele quer, compreende, julga, vê, ouve, etc.

Mas se, na verdade, negas totalmente essas ações e nossas sumas contemplações sobre Deus, e afirmas que não estão eminente e metafisicamente nele, ignoro teu Deus ou o que entendes pela palavra *Deus*. O que não se percebe não se há de negar. A mente, que é espírito e é incorpórea, não pode agir senão com corpos sutilíssimos, a saber, os humores. E qual é a proporção entre o corpo e a mente? De que maneira a mente opera com os corpos? Pois, sem estes, ela repousa, e, com eles perturbados, a mente faz o contrário do que deveria. Mostra-me como isso se faz. Não poderás, como eu também não; todavia, vemos e sentimos a mente agir, o que permanece verdadeiro, ainda que não percebamos de que maneira se dá essa ação. Similarmente, embora não compreendamos como Deus age e não queiramos lhe assinar ações humanas, não há de se negar, contudo, que as dele concordam de maneira eminente e incompreensível com as nossas, tais como querer, entender, ver e ouvir com o intelecto, e não com olhos ou ouvidos; do mesmo modo como o vento e o ar podem destruir e everter regiões e montanhas sem mãos ou outros instrumentos, o que, todavia, é impossível para homens sem mãos e máquinas. Se atribuis necessidade a Deus e o privas de vontade ou escolha livre, não se poderia duvidar que pintas e exibes, à semelhança de um monstro, aquele que é um ente infinitamente perfeito?

Ut tuum attingas scopum, aliis, ad jaciendum tuum fundamentum, opus erit rationibus; quia, meo judicio, in allatis, nihil soliditatis reperitur; et, si eas probes, aliae adhuc supersunt, quae fortè tuarum pondus aequabunt. Sed his missis pergamus.

Postulas, ad probandum Spiritûs in mundo esse, demonstrativas probationes, quae valdè paucae in mundo sunt, nullaeque, praeter Mathematicas, adeò certae, ac quidem optamus, inveniuntur; quippe probabilibus, ut et verosimilibus conjecturis sumus contenti. Si rationes, quibus res probantur, essent demonstrationes, nonnisi stulti, et pervicaces invenirentur, qui eis contradicerent.Verùm, Dilecte Amice, non adeo sumus beati. In mundo minùs accurati sumus, aliquatenus conjecturam facimus, et in ratiociniis defectu demonstrationum probabile assumimus. Hoc ipsum ex omnibus tam divinis, quam humanis scientiis, controversarium et disputationum plenis, patet, quarum multitudo in causa est, quòd tot diversae apud quosvis inveniuntur sententiae. Hac de causâ olim, ut nosti, Philosophi, Sceptici dicti, quid de omnibus dubitabant, fuerunt. Hi pro, et contrà disputabant, ut probabile tantùm verarum rationum defectu consequerentur, et ex iis unusquisque, quod probabilius videbatur, credebat. Luna directè infra solem est posita; et ideo Sol in quodam terrae loco obscurabitur: et si Sol non obscuretur, dum dies est, directè infra eum Luna non est posita. Haec est probatio demonstrativa, à causâ ad effectum, et ab effectu ad causam. Ejusmodi aliquot; sed valdè paucae dantur, quae à nullo, si eas modò percipiat, contradici possunt.

Quantum ad pulchritudinem, sunt quaedam, quorum partes respectu aliarum proportionales, et meliùs, qùam aliae, sunt compositae; et Deus intellectui, et judicio hominis convenientiam, et harmoniam cum eo, quod proportionatum est; non verò cum eo, in quo nulla est proportio, attribuit: ut in sonis consonantibus, et dissonantibus, in quibus auditus consonantiam, et dissonantiam benè distinguere novit, quia illa delectationem, haec veró molestiam adfert. Rei perfectio est etiam pulchra, quatenus nihil ei deest. Hujus multa extant exempla, quae, ne prolixior sim, omitto.

Para que atinjas teu escopo, será preciso lançar teu fundamento com outras razões; pois, a meu juízo, nas aduzidas não se encontra nada de solidez; e mesmo que as proves, subsistem ainda outras que talvez equiparão o peso das tuas. Mas, deixadas essas coisas, prossigamos.

Para provar que há espíritos no mundo, postulas provas demonstrativas, as quais são muito poucas no mundo, e das quais nenhuma, além das matemáticas, encontra-se tão certa como, de fato, desejamos; por isso nos contentamos com prováveis e verossímeis conjecturas. Se as razões com que se provam as coisas fossem demonstrações, encontrar-se-iam somente estultos e pervicazes que as contradissessem. Porém, dileto amigo, não somos tão felizes. No mundo, somos menos acurados; fazemos a conjectura até certo ponto, e, na falta de demonstrações, assumimos o provável nos raciocínios. Isso mesmo é patente de todas as ciências, tanto divinas quanto humanas, cheias de controvérsias e discussões, das quais a multidão é a causa de que se encontrem tantas opiniões diversas para qualquer coisa. Por essa razão, houve outrora, como sabes, filósofos, ditos céticos, que duvidavam de todas as coisas. Esses discutiam pró e contra para que, na falta de razões verdadeiras, seguissem somente o provável, e cada um deles acreditava no que lhe parecia mais provável. A lua está situada diretamente abaixo do sol, e, por isso, o sol se obscurecerá num certo lugar da Terra; e se o sol não se obscurece enquanto é dia, não está a lua situada diretamente abaixo dele. Essa é uma prova demonstrativa, da causa ao efeito e do efeito à causa. Dão-se algumas desse tipo, mas muito poucas, que por ninguém podem ser contraditas, contanto que as perceba.

Quanto à beleza, há certas coisas cujas partes são proporcionais a respeito de outras e que são mais bem compostas do que outras; e Deus atribui ao intelecto e ao juízo do homem a conveniência e a harmonia com aquilo que é proporcionado, e não com aquilo no qual não há proporção alguma; como nos sons consonantes e dissonantes, nos quais o ouvido soube distinguir bem a consonância e a dissonância, porque aquela traz deleite, e esta, incômodo. A perfeição de uma coisa é também bela na medida em que nada lhe falta. Disso existem muitos exemplos, que omito para não ser mais prolixo. Consideremos tão somente o mundo, ao qual se atribui o nome Todo ou Universo. Se isso é verdade, como

Mundum intueamur tantummodò, cui nomen Totius, vel Universi tribuitur. Si hoc verum est, uti reverâ est, rebus incorporeis non depravatur, minuiturve. Quae de Centauris, Hydris, Harpyis etc. dicis, hîc nullum habent locum: loquimur enim de universalissimis rerum generibus, deque primis eorundem gradibus, quae sub se varias, et innumerabiles comprehendunt species; scilicet de aeterno, et temporali, causâ et effectu, finito et infinito, animato ac inanimato, substantiâ et accidenti, vel modo, corporali et spirituali, etc. Dico, Spiritûs Deo, quia etiam spiritus est, esse similes. Tam claram de Spiritibus, quàm de triangulo postulas ideam, quod impossibile est. Dic mihi, obsecro, quam de Deo habeas ideam, et an ea intellectui tuo adeò sit clara, ac idea trianguli. Scio te non habere, dixique, nos tam beatos non esse, ut res probationibus demonstrativis percipiamus, et plerumque probabile in hoc mundo praevalere. Affirmo nihilominus, quòd sicuti corpus sine memoriâ, etc. ità etiam memoria etc. sine corpore; quodque sicuti circulus sine globo, sic etiam globus sine circulo existit. Sed hoc est ab universalissimis generibus ad particulares species descendere, de quibus hoc ratiocinium non intelligitur. Dico, quòd Sol sit mundi centrum, quòdque stellae fixae longiùs à terrâ distent, quàm Saturnus, et hic longiùs, quàm Jupiter, hicque longius, quam Mars; adeò ut in indefinito aëre quaedam remotiora à nobis, et quaedam nobis propinquiora sint, quae nos altiora, vel inferiora nominamus.

Ii, qui dari Spiritûs defendunt, Philosophos extra fidem non collocant: sed quidem, qui eos negant; quia omnes Philosophi tam antiqui, quàm moderni se convictos, Spiritûs dari, arbitrantur. Plutarchus hujus rei testis est in Tractatibus de Philosophorum sententiis, et de Socratis genio: testantur quoque omnes Stoici, Pythagorici, Platonici, Peripatetici, Empedocles, Maximus

realmente o é, ele não se deprava ou diminui pelas coisas incorpóreas. O que dizes sobre centauros, hidras, harpias, etc., não tem lugar algum aqui; com efeito, falamos dos gêneros mais universais das coisas e de seus graus primeiros, que compreendem sob si variadas e inumeráveis espécies, a saber, do eterno e do temporal, da causa e do efeito, do finito e do infinito, do animado e do inanimado, da substância e do acidente ou modo, do corpóreo e do espiritual, etc. Digo que os espíritos são semelhantes a Deus porque ele também é espírito. Postulas uma ideia dos espíritos tão clara como a de um triângulo, o que é impossível. Dize-me, obsecro, que ideia tens de Deus, e se ela é tão clara a teu intelecto como a ideia de um triângulo. Sei que não tens, e te disse que não somos tão felizes para que percebamos as coisas por provas demonstrativas, e que nesse mundo quase sempre prevalece o provável. Não obstante, afirmo que assim como há corpo sem memória etc., também há memória etc., sem corpo; e que assim como há círculo sem esfera, também há esfera sem círculo. Mas isso é descer dos gêneros mais universais às espécies particulares, acerca das quais não se entende esse raciocínio. Digo que o sol é o centro do mundo e que as estrelas fixas distam mais longe da Terra que Saturno, e este, mais longe que Júpiter, e este, mais longe que Marte; de tal maneira que, no ar indefinido, algumas coisas estão mais remotas e algumas mais próximas de nós, as quais nós nomeamos mais altas ou mais baixas.

Não retiraram a fé nos filósofos aqueles que defendem que espíritos se dão, mas sim aqueles que os negam; pois todos os filósofos, tanto antigos quanto modernos, se julgam convictos de que espíritos se dão. Plutarco é testemunha disso nos tratados *Das opiniões dos filósofos* e *Do gênio de Sócrates*[22]; testemunham também todos os estóicos, pitagóricos platônicos, peripatéticos[23], Empédocles[24], Máximo de

22 Respectivamente, Περὶ τῶν ἀρεσκόντων φιλοσόφοις φυσικῶν δογμάτων / *De placitis philosophorum* e Περὶ τοῦ Σωκράτους δαιμονίου / *De genio Socratis* são escritos componentes da obra de Plutarco intitulada *Moralia* (ca. 100 a.C.).

23 Peripatéticos eram os discípulos de Aristóteles.

24 Empédocles (Agrigento, 490-430 a.C.) foi um filósofo e pensador pré-socrático. É conhecido por ser o criador da teoria cosmogênica dos quatro elementos clássicos:

Tyrius, Apulejus, aliique. Ex modernis nemo Spectra negat. Rejice ergo tot sapientes oculatos, et auritos testes, tot Philosophos, tot historicos, talia narrantes; affirma eos omnes cum vulgo stultos, ac insanos esse: licet tuae responsiones non persuadeant, sed quidem absurdae sint, et passim scopum nostrae controversiae non attingant, neque tu ullam quidem probationem, quae tuam confirmet sententiam proferas. Caesar cum Cicerone et Catone non ridet Spectra, sed omnia, et praesagia, et tamen si eo die, quo interibat, Spurinam non illusisset, ipius hostes tot vulneribus eum non confoddisent. Sed haec hâc vice sufficiant, etc.

Tiro[25], Apuleio[26] e outros. Dentre os modernos, ninguém nega espectros. Rejeita, então, tantas sábias testemunhas oculares e auriculares, tantos filósofos, tantos historiadores que narram tais coisas; afirma que todos eles são, com o vulgo, estultos e loucos, ainda que tuas respostas não persuadam, mas sejam, na verdade, absurdas e em nenhuma parte toquem o escopo de nossa controvérsia, e que, de fato, tu não profiras prova alguma que confirme tua opinião. César, junto com Cícero e Catão[27], não ri de espectros, mas de augúrios e presságios; e, todavia, se no dia em que morria não tivesse ridicularizado Espurina, seus inimigos não o teriam perfurado com tantos golpes.[28] Mas, desta vez, isso é suficiente, etc.

terra, ar, fogo e água; cujas associações e dissociações resultariam da ação de duas forças antagônicas: o amor e a discórdia.

25 Máximo de Tiro (século II d.C.), ou Cassius Maximus Tyrius, foi um filósofo e retórico grego, considerado um dos precursores do neoplatonismo.

26 Lúcio Apuleio (Madaura, atual Argélia, ca. 125-ca. 170) foi um escritor e filósofo médio platônico romano.

27 Marco Túlio Cícero (Arpino, 106-43 a.C.) e Marco Pórcio Catão Uticense, ou Catão, o jovem (Roma, 95 a.C.-46 a.C.), foram célebres políticos romanos, coevos de Júlio César, e cujas biografias aparecem nas *Vidas Paralelas* de Plutarco.

28 Relato de Suetônio em *A vida dos césares*, *Divino Júlio*, §81.

## Epistola LVI.[15]

*Amplissimo, Prudentissimo Viro,*

HUGONI BOXEL

B. D. S.

*Responsio ad Praecedentem.*

Versio.

*Amplissime Vir,*

Ad tuam respondere, heri mihi traditam, propero; eò quòd, si longiores necto moras, cogat responsionem diutiùs, quàm quidem vellem, differre. Tua me turbasset valetudo, nisi te meliùs habere intellexissem; et spero, te jam omninó convaluisse.

Quàm difficulter duo, qui diversa sequuntur principia, in materia, à multis aliis dependente, invicem possint convenire, et idem sentire, ex hâc Quaestione solâ, licet nulla id demonstraret ratio, pateret. Dic mihi, quaeso, an aliquos Philosophos videris, aut legeris, qui in eâ fuerunt sententiâ, mundum casu factum esse, nempe eo sensu, quo tu intelligis, Deum scilicet in creando mundo scopum sibi praefixum habuisse, et tamen eum, quem decreverat, transgressum esse. Nescio tale quid unquam in ullius hominis cogitationem incidisse; similiter me latet, quibus rationibus, ut credam *Fortuitum et Necessarium* non esse contraria, mihi persuadere conaris. Quàm primùm animadverto, tres trianguli angulos duobus rectis necessariò aequales esse, nego quoque id casu fieri. Similiter, quàm primùm adverto, calorem necessarium ignis esse effectum, nego quoque id casu accidere. Quod *Necessarium ac Liberum* duo contraria sunt, non minùs absurdum, et rationi repugnans videtur: nam nemo negare potest, Deum seipsum, et caetera omnia liberè

15 *Spinoza Opera*, vol. IV, pp. 258-262. *Opera Posthuma*, pp. 577-581 ("*Epistola LVIX*").

## Epístola LVI

*Ao amplíssimo e prudentíssimo homem*

## HUGO BOXEL

B. D. S.

*Resposta à precedente*

Versão

*Amplíssimo homem*,

Apresso-me em responder à tua, entregue a mim ontem, pois se demoro mais longamente, sou forçado a diferir a resposta por muito mais tempo do que, de fato, eu gostaria. Tua saúde teria me perturbado se não tivesse sabido que estás melhor, e espero que já estejas totalmente convalescido.

Quão dificilmente duas pessoas que seguem princípios diversos numa matéria dependente de muitas outras podem convir uma com a outra e pensar o mesmo, o seria patente a partir desta só questão, embora nenhuma razão o demonstrasse. Dize-me, por favor, se viste ou leste alguns filósofos que foram da opinião de que o mundo foi feito ao acaso, neste sentido que tu entendes, a saber, que Deus, ao criar o mundo, tinha prefixado um escopo para si, e que, todavia, transgrediu o que decidira. Não sei se algo tal incidiu alguma vez no pensamento de algum homem; similarmente, me escapa por que razões te esforças em persuadir-me a crer que *fortuito e necessário* não são contrários. Tão logo observo que os três ângulos de um triângulo são, necessariamente, iguais a dois retos, nego também que isso se faz ao acaso. Similarmente, tão logo noto que o calor é efeito necessário do fogo, nego também que isso acontece ao acaso. Não parece menos absurdo e repugnante à razão que *necessário e livre* sejam dois contrários, pois ninguém pode negar que Deus conhece

cognoscere; et tamen cuncti communi suffragio[16] concedunt, Deum seipsum necessariò cognoscere. Quare mihi nullam inter Coactionem, vel vim, et Necessitatem differentiam constituere videris. Quòd homo vult vivere, amare, etc. non est coactum opus, sed tamen necessarium, et multò magis, quòd Deus vult esse, cognoscere, ac operari. Si, praeter dicta, animo volvis, indifferentiam non nisi ignorantiam, vel dubitationem esse, atque voluntatem semper constantem, et in omnibus determinatam, virtutem, necessariamque intellectûs esse proprietatem;videbis mea verba penitùs cum veritate concordare. Si affirmamus, Deum potuisse rem non velle, et non potuisse eam non intelligere, Deo diversas attribuimus libertates, alteram necessariam, alteram indifferentem: et consequenter Dei voluntatem ab essentiâ suâ, suoque intellectu diversam concipiemus, et hoc pacto in aliam, ac aliam incidemus absurditatem.

Attentio, quam in praecedenti meâ exegeram, non tibi visa est necessaria; et hoc fuit in causâ, quòd cogitationes tuas in praecipuum non defixeris, illudque, quod quàm maximè ad rem faciebat, neglexeris.

Porrò, ubi dicis, si in Deo actum vivendi, audiendi, attendendi, volendi, etc. eosque in eo esse eminenter nego, quòd te tum lateat qualem habeam Deum: hinc suspicor te credere, non majorem esse perfectionem, quàm quae memoratis attributis explicari potest. Haec non miror; quia credo, quòd triangulum, siquidem loquendi haberet facultatem, eodem modo diceret, Deum eminenter triangularem esse, et circulus, Divinam naturam eminenti ratione circularem esse; et hac ratione quilibet sua attributa Deo adscriberet, similemque se Deo redderet, reliquumque ei deforme videretur.

16 Nas *Opera Posthuma*: *susfragio*.

livremente a si mesmo e todas as outras coisas; e, todavia, todos concedem de comum acordo que Deus conhece a si mesmo necessariamente. Por isso, não me pareces constituir diferença nenhuma entre coação ou força e necessidade. Não é uma ação coagida, mas sim necessária, que o homem queira viver, amar, etc., e, muito mais, que Deus queira ser, conhecer e agir. Se, além do dito, revolves no ânimo que a indiferença não é senão ignorância ou dúvida, e que a vontade sempre constante e em todas as coisas determinada é uma virtude e uma propriedade necessária do intelecto, verás que minhas palavras concordam profundamente com a verdade. Se afirmamos que Deus não pôde querer uma coisa e que não pôde entendê-la, lhe atribuímos liberdades distintas, uma necessária, outra indiferente; e, consequentemente, conceberemos a vontade de Deus como diferente de sua essência e de seu intelecto, e, dessa maneira, cairemos num absurdo diferente do outro.

A atenção que eu exigira em minha precedente não é vista por ti como necessária; e essa foi a razão pela qual não fixaste teus pensamentos no principal e negligenciaste, o máximo possível, aquilo que era útil ao assunto.

Ademais, quando dizes que, se nego em Deus os atos de ver, ouvir, atentar, querer, etc., e que nele estão eminentemente, então te escapa qual Deus tenho, suspeito daí que crês não haver maior perfeição que a que se pode explicar por meio dos atributos memorados. Isso não me admira, pois creio que um triângulo, se tivesse a faculdade de falar, diria, do mesmo modo, que Deus é eminentemente triangular, e um círculo, que a natureza divina é circular de maneira eminente;[29] e, por essa razão, qualquer um imputaria a Deus seus atributos e se tornaria semelhante a ele, e o restante lhe pareceria deforme.

29 Clara alusão ao argumento de Xenófanes de Cólofon (ca. 570 a.C.-475 a.C.) ao criticar o antropomorfismo divino: "[Clemente de Alexandria, *Tapeçarias*, v, 110] Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões / e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, / os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, / desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam / tais quais eles próprios têm." (XENÓFANES, 1996, pp. 71-72).

Epistolae parvitas, et temporis angustia non sinunt, ut meam de Divinâ naturâ, sententiam, Quaestionesque à te propositas enucleem; praeterquam quòd difficultates objicere non sit proferre rationes. Nos in mundo multa ex conjecturâ facere verum est; sed nos nostras ex conjecturâ habere Meditationes est falsum. In communi vitâ verisimillimum, in Speculationibus verò veritatem cogimur sequi. Homo siti, et fame periret, si, antequam perfectam obstinuisset demonstrationem, cibum ac potum sibi profuturum, edere aut bibere nollet: Id autem in Contemplatione locum non habet. Econtra cavendum nobis est, quicquam, tanquam verum, admittere, quod solummodò verisimile est: ubi enim unam admisimus falsitatem, infinitae sequuntur.

Porrò hinc, quòd Divinae, et humanae scientiae multis litibus, et controversiis repletae sunt, nequit concludi, ea omnia, quae in iis tractantur, incerta esse: quoniam plurimi fuerunt, qui tanto contradicendi studio tenebantur, ut etiam demonstrationes Geometricas irriserint. Sextus Empiricus, aliique Sceptici, quos citas, dicunt falsum esse, quod totum suâ parte majus est, et sic de caeteris judicant axiomatibus.

Ut verò, praetermisso, ac concesso, nos, demonstrationum defectu, verisimilitudinibus debere esse contentos, dico, Demonstrationem verosimilem talem esse debere, ut, licet de eâ dubitare possimus, contradicere tamen nequeamus; quia id, cui potest contradici, non vero; sed falso simile est. Si, exempli gratia, dico, Petrum in vivis esse, quia eum heri sanum conspexi; vero quidem id simile est, quatenus mihi nemo contradicere potest; si autem alius dicit, se heri vidisse eum deliquium animi passum fuisse, seque credere, Petrum inde diem obiisse supremum,

A pequenez de uma epístola e a angústia de tempo não me permitem enuclear minha opinião sobre a natureza divina e as questões por ti propostas; além do que, lançar dificuldades não é proferir razões. É verdade que no mundo fazemos muitas coisas a partir de conjecturas, mas é falso que temos nossas meditações a partir delas. Na vida comum, somos forçados a seguir o mais verossímil, mas nas especulações, a verdade. O homem pereceria de sede e de fome se não quisesse comer ou beber antes de ter obtido a demonstração perfeita de que a comida e a bebida hão de lhe ser úteis; Porém, isso não tem lugar na contemplação. Ao contrário, por nós há de ser precavido admitir como verdadeiro qualquer coisa que seja somente verossímil; com efeito, quando admitimos uma única falsidade, infinitas outras se seguem.

Além disso, de que as ciências divinas e humanas estão repletas de conflitos e controvérsias, não se pode concluir que são incertas todas aquelas coisas que nelas são tratadas; porquanto muitos foram os que tiveram tanto empenho em contradizer que ridicularizaram até mesmo demonstrações geométricas. Sexto Empírico[30] e outros céticos que citas dizem ser falso que o todo é maior que sua parte[31], e julgam assim sobre os demais axiomas.

Mas, deixado passar e concedido que na falta de demonstrações devemos nos contentar com verossimilhanças, digo que ademonstração verossímil deve ser tal que, embora possamos duvidar dela, não possamos contradizê-la; porque aquilo que se pode contradizer não é semelhante ao verdadeiro, mas sim ao falso. Se, por exemplo, digo que Pedro está vivo, porque ontem o vi são, isso certamente é verossímil, na medida em que ninguém pode me contradizer; todavia, se outro diz que ontem viu que ele tinha sofrido um delíquio, e crê que Pedro encontrou-se com

30 Sexto Empírico foi um médico e filósofo grego, cuja origem exata é desconhecida, que viveu entre os séculos II e III d.C. Seus trabalhos filosóficos são as principais referências do ceticismo pirrônico, doutrina criada por Pirro de Élida (365-275 a.C.).
31 "O todo é maior que a parte" é a quinta noção comum (axioma) do Livro I dos *Elementos* de Euclides (ca. 300 a.C.). Sexto Empírico constrói sua argumentação contra ela no livro IX, § 331 a 358, da obra *Contra os matemáticos* (*Adversus mathematicos*).

hic, ut mea verba falsa videantur, efficit. Tuam conjecturam de Spectris, et Lemuribus falsam, et ne verisimilem quidem videri, tam clarè ostendi, ut in responso tuo nihil animadversione dignum, inveniam.

Ad quaestionem tuam, an de Deo tam claram, quàm de triangulo habeam ideam, respondeo affirmando: Si me verò interroges, utrùm tam claram de Deo, quàm de triangulo habeam imaginem, respondebo negando: Deum enim non imaginari; sed quidem intelligere possumus. Hîc quoque notandum est, quòd non dico, me Deum omninò cognoscere; sed me quaedam ejus attributa; non autem omnia, neque maximam intelligere partem, et certum est, plurimorum ignorantiam, quorundam eorum habere notitiam, non impedire. Quum Euclidis elementa addiscerem, primò tres trianguli angulos duobus rectis aequari intelligebam; hancque trianguli proprietatem clare percipiebam, licet multarum aliarum ignarus essem.

Quod ad Spectra, vel Lemures, hactenus nullam intelligibilem de iis auribus hausi proprietatem; sed quidem de Phantasiis, quas nemo capere potest. Quum dicis Spectra, vel Lemures hic inferiùs (stylum tuum sequor, licet ignorem, materiam hîc inferiùs, quàm superiùs minoris esse pretii) ex tenuissimâ, raríssimâ et subtilissimâ constare substantiâ, videris de aranearum telis, aëre, vel vaporibus loqui. Dicere eos esse invisibiles, tantùm mihi valet, ac si diceres, quid non sint, non verò quid sint: nisi fortè velis indicare, quòd, pro lubitu, se jam visibiles, jam invisibiles reddunt, quòdque imaginatio in his, sicut et in aliis impossibilibus, nullam inveniet difficultatem.

o supremo dia[32], isso faz com que minhas palavras pareçam falsas. Mostrei tão claramente que tua conjectura sobre espectros e lêmures é falsa, e nem sequer parece verossímil, que nada encontro em tua resposta digno de observação.

À tua pergunta, se tenho de Deus uma ideia tão clara quanto a de um triângulo, respondo afirmando; mas se me interrogas se tenho de Deus uma imagem tão clara quanto a de um triângulo, te responderei negando; com efeito, não podemos imaginar Deus, mas sim entendê-lo. Aqui também há de se notar que não digo que conheço Deus totalmente, mas que entendo alguns atributos seus, nem todos nem a maior parte; e é certo que a ignorância de muitos não impede de ter conhecimento de alguns deles. Ao apreender os *Elementos* de Euclides, entendi primeiro que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos[33], e percebi claramente essa propriedade de um triângulo, embora fosse ignaro de muitas outras.

Quanto a espectros ou lêmures, até o momento nenhuma propriedade inteligível ouvi sobre eles, mas sim sobre fantasias que ninguém pode compreender. Quando dizes que espectros ou lêmures, aqui mais embaixo, (sigo teu estilo, embora eu ignore que a matéria aqui mais embaixo seja de menor valor que a mais superior) constam de uma substância tenuíssima, raríssima e sutilíssima, pareces falar de teias de aranhas, do ar ou de vapores. Dizer que são invisíveis vale tanto para mim quanto se dissesses o que não são, e não o que são; a não ser que queiras indicar que eles, à vontade, ora se tornam visíveis, ora invisíveis, e que a imaginação nenhuma dificuldade encontrará nisso, como, tampouco, noutras coisas impossíveis.

32 A expressão "supremo dia" é um eufemismo para "morte". Embora pouco conhecida, é encontrada no *Soneto CCXXXIV*, de Luís Vaz de Camões, e no poema *A visão de Jaciúca*, de Machado de Assis.

33 Trata-se da proposição 32, livro I, dos *Elementos* de Euclides.

Non multùm apud me Authoritas Platonis, Aristotelis, ac Socratis valet. Miratus fuissem si Epicurum, Democritum, Lucretium, vel aliquem ex Atomistis, atomorumque defensoribus protulisses: non enim mirandum est eos, qui Qualitates occultas, Species intentionales,[17] Formas substantiales, ac mille alias nugas commenti sunt, Spectra, et Lemures excogitasse, et vetulis credidisse, ut Democriti authoritatem elevarent, cujus bonae Famae tantopere inviderunt, ut omnes ejus libros, quos tantâ cum laude ediderat, combusserint. Si iis fidem adhibere animus est, quas rationes habes ad miracula Divae Virginis, et omnium Sanctorum negandum, quae a tot Celeberrimis Philosophis, Theologis, ac Historicis conscripta sunt, ut horum vel centum, illorum verò vix unum producere queam? Denique, Amplissime Vir, longiùs quàm volebam, processi; nec te diutius iis rebus, quas (scio) non concedes, molestias creare volo, quia alia, longè à meis diversa, sequeris principia, etc.

17 Nas *Opera Posthuma*, há aqui um ponto final, e não uma vírgula.

A autoridade de Platão, Aristóteles e Sócrates não vale muito para mim. Teria me admirado se tivesses proferido Epicuro, Demócrito, Lucrécio ou algum dos atomistas e defensores dos átomos;[34] com efeito, não é de admirar que aqueles que inventaram as qualidades ocultas, espécies intencionais, formas substanciais e outras mil nugas, tenham excogitado espectros e lêmures e crido em velhinhas a fim de diminuir a autoridade de Demócrito, cuja boa fama invejaram tanto que queimaram todos os livros dele, que com tanto louvor ele publicara[35]. Se há ânimo para lhes dar fé, que razões tens para negar os milagres da Virgem Divina e de todos os santos, que são listados por tantos filósofos, teólogos e historiadores celebérrimos, que destes posso reproduzir até mesmo cem, mas daqueles, dificilmente um? Por fim, amplíssimo homem, tendo procedido mais longe do que gostaria, não quero te incomodar por mais tempo com estas coisas que (sei) não concedes, pois segues princípios bem diversos dos meus, etc.

34 Demócrito (ca. 460-370 a.C.), Epicuro (341-270 a.C.) e Lucrécio (94-55 a.C.) fazem parte da escola atomística, que sustenta que os átomos e o vácuo são a causa de todas as coisas. Acerca da aberta preferência de Espinosa por essa tríade atomista e de sua negação às autoridades de Sócrates, Platão e Aristóteles, ver comentário detalhado de Oliveira, F. B. *Coerência e comunidade em Espinosa*. Tese (Doutorado em Filosofia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, pp. 53-58.

35 Sobre isso, nos conta Diogenes Laertius (1925, pp. 448-451, tradução nossa): "Aristóxenes, em suas *Notas Históricas* afirma que Platão quis queimar todos os escritos de Demócrito que ele pôde recolher, mas que os pitagóricos Amyclas e Clínias o impediram dizendo que não havia nenhuma vantagem em fazê-lo, pois os livros já haviam circulado amplamente. E há clara evidência para isso no fato de que Platão, que menciona quase todos os primeiros filósofos, jamais alude a Demócrito, nem mesmo onde seria necessário contestá-lo (...)".